

O CORPO COMO LUGAR DO SENTIDO: UMA ANÁLISE SEMIOLÓGICA INSPIRADA EM AUDRE LORDE

Renata Trindade Severo¹

Doutora em Estudos da Linguagem (UFRGS)
Instituto Federal do Rio Grande do Sul
(IFRS)
Porto Alegre/RS, Brasil.

RESUMO: Como significa o corpo? A partir desse questionamento, este artigo mobiliza o pensamento enunciativo derivado de Émile Benveniste para refletir sobre a significação do/no/pelo corpo na cena enunciativa; recorre à Antropologia do Corpo de David Le Breton como camada significativa que se cola ao corpo e à noção de testemunho de Giorgio Agamben como tradutora de significados entre culturas e indivíduos. Inspirando-se em reflexões da poeta Audre Lorde sobre o sentido que transpira do corpo ao poema, procura-se um olhar sobre a linguagem poética que ilumine uma nova face da reflexão que vem sendo empreendida desde outros trabalhos sobre corpo e significação. Os resultados apontam que a linguagem poética age como um sistema de significação que traduz sentidos do corpo em poema tornando-os compartilháveis.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Língua e linguagem. Semiologia.

ABSTRACT: How does body mean? From this question, this article mobilizes the enunciative thought derived from Émile Benveniste to reflect on the meaning of / within / by the body in the enunciative scene; it applies David Le Breton's Anthropology of the Body as a significant layer that sticks to the body and Giorgio Agamben's notion of testimony as a translator of meanings between cultures and individuals. Inspired by the poet Audre Lorde's reflections on the meaning that transpires from the body to the poem, we seek a look at the poetic language that illuminates a new face of the reflection that has been carried out since other works on body and meaning. The results show that the poetic language acts as a system of meaning that translates the body's senses into a poem, making them shareable.

KEY-WORDS: Enunciation. Language and language. Semiology.

INTRODUÇÃO

Pensar o corpo pode não parecer, inicialmente, uma tarefa para a linguística. O sintagma “ciência da língua” tem aspecto restritivo e, talvez, até soe proibitivo a tudo que não esteja absolutamente contido nas estruturas desse sistema. Um pouco mais de atenção, no entanto, nos revela que não é de hoje que as e os linguistas vêm refletindo sobre as fronteiras, no sentido de bordas, e os limites, no sentido de possibilidades e capacidades, dessa ciência. O próprio gesto de fundação da ciência linguística nos revela a relação dessa ciência com o que não está encerrado em seu centro.

¹ Professora em estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGLing - UFSC) com fomento do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Processo nº 23368.002516/2019-43.

Este artigo reflete tal gesto na medida em que investiga como o corpo significa ao explorar os contornos da significação linguística.

Na primeira parte deste artigo, procurarei recuperar brevemente a separação metodológica entre língua e linguagem a fim de evidenciar como esse corte, que dá apenas pistas para a criação de uma ciência dos sistemas de significação, resulta, mais de meio século mais tarde, na inepção da Semiologia, novamente apenas esboçada, no pensamento de Émile Benveniste. A seguir, apresentarei a Semiologia como Benveniste a pensou a partir de Saussure, enfatizando a abrangência que ela proporciona ao abordar sistemas de significação não-linguísticos. Na segunda seção, procurarei mostrar como, a partir de tal ampliação, pensar o corpo em sua relação com a língua, mas não apenas de forma restrita a essa relação, se torna possível dentro da linguística benvenistiana. A fim de ilustrar tal possibilidade, apresentarei brevemente resultados de minha pesquisa de doutorado concluída em 2016. Na terceira seção, a partir da noção de sistemas de significação, abordarei a poesia como um sistema que, embora intimamente relacionado ao sistema linguístico, constitui um sistema de significação por si próprio. Finalmente, na quarta seção, analisarei excertos de textos em prosa da poeta afro-americana Audre Lorde a fim de, inspirada em suas observações sobre o papel do corpo na origem do poema, investigar como o corpo significa na e pela linguagem poética.

A LÍNGUA PARA A LINGUÍSTICA, A LINGUAGEM PARA A SEMIOLOGIA

A invenção da linguística moderna – que remonta a Ferdinand de Saussure e à obra cuja origem foram suas aulas no início do século XX, o *Curso de Linguística geral* (SAUSSURE², 2004) – é marcada pela definição do objeto da ciência que Saussure procurava instaurar, o que é operado pela separação entre língua e linguagem:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios [...]

A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. (SAUSSURE, 2004, p. 17).

À língua é atribuído um caráter unitário, à linguagem, o de multiplicidade. Tal multiplicidade abrigaria entidades além da língua: “[...] *é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua*

² Como se sabe, o *Curso de Linguística Geral* não foi escrito por Saussure, mas por Bally e Sechehaye, razão pela qual prefere-se atribuir autoria ao CLG e não a Saussure; no entanto, em respeito às regras de publicação, indicarei a autoria nos moldes da ABNT.

e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (SAUSSURE, 2004, p.16s, itálicos do original). Que outras manifestações seriam essas não está explícito aqui. Mais adiante, ao tratar do “lugar da língua nos fatos humanos” (SAUSSURE, 2004, p. 23), após ser ratificada a heterogeneidade da linguagem, em contraste com a homogeneidade da língua, afirma-se que “[a] língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é” (SAUSSURE, 2004, p. 23) e, a seguir, que “[a] língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos [sic], aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc. **Ela é apenas o principal desses sistemas.**” (SAUSSURE, 2004, p. 24, grifos meus). Têm-se aí “as outras manifestações da linguagem” mencionadas anteriormente: os “sistemas de signos que exprimem ideias” aos quais a língua é comparada.

Embora saliente que a língua é apenas um desses sistemas, o CLG é categórico em afirmar repetidamente que é a língua – não a linguagem ou qualquer de suas “outras manifestações” – o objeto de estudo da Linguística. Segundo Benveniste (2006, p. 47), o que está em jogo aqui “é descobrir o princípio de unidade que domina a multiplicidade de aspectos com que nos aparece a linguagem” pois apenas “[...] este princípio permitirá classificar os fatos de linguagem entre os fatos humanos”, daí a necessidade da “redução da linguagem à língua”: “colocar a língua como princípio de unidade e ao mesmo tempo encontrar o lugar da língua entre os fatos humanos”³.

Ainda segundo o linguista sírio, a circunscrição da língua como objeto da linguística é o que permite a introdução da semiologia – “[...] uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2004, p. 24). Enquanto a Linguística é a ciência que estuda a língua, um sistema de signos, a Semiologia é a “ciência dos sistemas de signos” (BENVENISTE, 2006, p. 49), portanto, o “destino da linguística será o de se ligar à semiologia” (BENVENISTE, 2006, p. 49). Ao retomar “[...] este grande problema no ponto em que Saussure o deixou”, Benveniste (2006, p. 50) propõe analisar o que considera o problema central da semiologia, qual seja: o lugar da língua entre os sistemas de signos⁴; para tanto, inicia o exame pelos sistemas não linguísticos.

³ O caráter antropológico do pensamento benvenisteano, revelado aqui na preocupação em encontrar o lugar da língua entre os fatos humanos, tem sido vastamente explorado na produção de pesquisadoras e pesquisadores da área da enunciação juntamente com a abertura desse linguista a diversas áreas das ciências humanas (psicanálise, filosofia, história etc.); por exemplo, nos trabalhos de Meschonnic citados neste artigo, em Silva (2013), em Flores (2017), dentre outros. Por questão de espaço, neste texto, ressaltarei apenas que uma das formas como tal caráter se apresenta na produção do linguista sírio é justamente via relação de interpretância: a língua, além de interpretar a si própria e a aos outros sistemas semiológicos, interpreta a sociedade e a contém (BENVENISTE, 2006).

⁴ Em *Semiologia da língua*, Benveniste usa as expressões “sistemas de signos”, “sistemas semióticos” e “sistemas semiológicos”, as duas últimas de forma indiferenciada. Além dessas, Silva (2020) propõe “sistemas de significação”

Entre os sistemas analisados, Benveniste diferencia dois grupos: o sistema linguístico – a língua – e os sistemas não linguísticos – todos os outros: a música, as artes visuais, etc. Nessa diferenciação, a existência ou não de **semiótico** e **semântico** em cada sistema é crucial tanto para descrever os sistemas quanto a relação ou relações que eles possam manter entre si. A língua é o único sistema que possui ambos, todos os outros sistemas seriam descritos pelo sintagma famoso entre estudiosas da enunciação: **semântico sem semiótico**⁵.

Como se sabe, no pensamento benvenisteano, semiótico e semântico são definidos inicialmente como as duas formas de ser da língua: o semiótico é o universo dos signos, é o próprio sistema linguístico em suas características mais saussureanas: é social, por isso, compartilhado no universo dos falantes/sinalizantes⁶, é possibilidade; já o semântico, diz respeito ao universo da enunciação: é a língua-discurso, língua em uso, o domínio da frase, espaço da troca de sentidos – a passagem de um universo a outro se dá no mesmo ato em que o locutor, ao apropriar-se da língua, enuncia(-se), tornando-se sujeito. Em *Semiologia da língua*, um dos últimos textos publicados durante a vida do autor, em 1969, vemos um deslocamento dessas noções para a descrição de sistemas não linguísticos. O que permanece de cada um é a forma como significam – por meio de unidades significativas, no semiótico; na instância de uso, no semântico: “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” (BENVENISTE, 2006, p. 66, ênfase do autor). Tais funcionamentos, de reconhecimento e de compreensão, se aplicam aos sistemas semiológicos não linguísticos nas análises apresentadas pelo autor no artigo de 1969.

Talvez agora seja um bom momento para nos colocarmos um primeiro conjunto de questionamentos: se o semântico é o universo da enunciação e todos os sistemas têm semântico, pode-se daí depreender que todos os sistemas significam na enunciação? no discurso? ou – já que enunciar é apropriar-se da língua, pondo-a em funcionamento – a significância enunciativa estaria restrita ao sistema linguístico? Ainda, em outras palavras: se um sistema é não-linguístico, isso resulta, necessariamente, que ele seja não-enunciativo? Nesse caso, como se caracterizaria o semântico para os sistemas não-linguísticos, portanto, não-enunciativos? Responder a tais questionamentos implica compreender de que maneira os sistemas concorrem para a produção de significados: se há uma interação entre sistemas para a produção de um significado global, discursivo; se cada sistema é

como uma alternativa que torna o significado da expressão mais evidente. A expressão “sistemas de signos”, no entanto, refere-se apenas aos sistemas cujas unidades são signos, o que não inclui a música e as artes visuais, por exemplo.

⁵ Ver Meschonnic (1997).

⁶ Na tradição saussureana-benvenisteana, a palavra empregada é “falante”, que se aplica aos indivíduos – que “têm língua”; propomos “falante/sinalizante” a fim de incluir pessoas que “têm línguas” não orais.

responsável por um tipo de significado como peças em um mosaico; se algo como um significado global seria um significado enunciativo ou se há algo em jogo que não está contido na enunciação. Retornaremos a esse ponto na próxima seção.

Embora cite diversos sistemas, no artigo mencionado, Benveniste analisará apenas a música e as artes visuais. Nessas análises, ocupa-se em descobrir se há uma unidade para esses sistemas, se essa unidade é um signo e qual é o funcionamento do dito sistema a fim de estabelecer se há ou não um semiótico e, a partir daí, que tipo de relação semiológica esse sistema estabeleceria com a língua. Da análise da música, conclui que “ela é semiótica em sua ordem própria [...] Mas nesse caso ela não tem nenhuma relação com a semiótica do signo linguístico” (BENVENISTE, 2006, p. 56), ainda na mesma página, ao tratar das unidades dos sistemas, retoma a música para diferenciá-la da língua: “Temos aqui um princípio discriminador: os sistemas fundados sobre unidades dividem-se entre sistemas com unidades significantes e sistemas com unidades não significantes. Na primeira categoria coloca-se a língua; na segunda, a música”. Ser dotado de “unidades significantes”, ou seja, de signos, é o que determina se um sistema possui semiótico ou não. Dessa forma, conclui Benveniste que apenas a língua é dotada de semiótico. O que é determinante aqui não é que haja unidades – a música tem unidades: o som, a gama etc. – mas que essas unidades tenham um significado compartilhado socialmente, como o semiótico da língua – “[...] tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (SAUSSURE, 2004, p. 21). O significado das unidades dos sistemas artísticos, segundo Benveniste (2006), é atribuído pelo autor da obra e tem sentido estabelecido seja ao longo de seu trabalho seja em uma obra específica.

Justamente por ser “[...] o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões,” isto é, porque comporta “[...] simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação” é que à língua é possível “[...] sustentar propósitos significantes sobre a significância”, em outras palavras: “É nessa faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas” (BENVENISTE, 2006, p. 66).

Vimos como a operação que separou metodologicamente língua e linguagem tornou possível não apenas o estabelecimento da ciência linguística no início do século XX, mas também estabeleceu a base sobre a qual, mais de meio século mais tarde, Benveniste procuraria desenvolver a semiologia apenas insinuada no CLG. O artigo *Semiologia da língua*, apesar de concentrar-se sobre o lugar da língua na ciência dos sistemas de significação, abre as portas para que se pensem os sistemas de significação que não são língua e suas relações com o sistema linguístico. Na esteira do artigo de

1968, *Estrutura da língua, estrutura da sociedade*, a língua é postulada como o sistema que interpreta todos os outros, a sociedade e a si própria. A partir daí, como diria o linguista sírio em outro artigo dessa época, “amplas perspectivas se abrem” (BENVENISTE, 2006, p. 90).

OS SISTEMAS DE SIGNIFICAÇÃO E O CORPO

A abertura proporcionada pelo artigo *Semiologia da língua* se torna mais evidente com a publicação das notas para as aulas que deram origem a esse texto. Em “Dernières leçons” (2012), observamos a reflexão benvenistean sobre significado em pleno funcionamento. Aqui fica mais explícita uma abertura à linguagem e a um viés antropológico em sua obra. Inspirada nessa abertura, em minha tese de doutorado (SEVERO, 2016a), desenvolvi estudos sobre uma enunciação particular em que a língua não detinha o protagonismo da significação. Os elementos (eu-tu/aqui/agora) da instância de discurso (ID) do que nomeei “enunciação do sagrado” se definem em sua relação com um momento específico de rituais de religiões afro-gaúchas (ORO, 2008): o transe de possessão por entidades da Umbanda e da Quimbanda.

Nessa enunciação, além da língua, o corpo significa de maneira determinante. A semantização, isto é, a expressão do sentido, não está restrita à língua. O sentido daquilo que se quer expressar, o intentado, não se realiza apenas linguisticamente:

Em virtude de um intentado, sobre o tecido significativo da instância de discurso, instaura-se a categoria da pessoa e, com ela, a intersubjetividade, por meio de uma semantização que não é exclusiva da língua. O enunciador se vale de sistemas semiológicos cuja materialidade é expressa pelo/no corpo, seja com a voz, com o olhar, com gestos e com formas ainda mais sutis e específicas de determinada enunciação — o balanço do corpo, sua vibração, por exemplo. (SEVERO 2016a, p. 68).

Aquele conjunto de perguntas apresentado na seção anterior tem aqui uma possibilidade de resposta: a enunciação, compreendida como a instância discursiva definida por elementos (eu-tu/aqui/agora) singulares, comporta modos de significar que não estão restritos ao sistema linguístico e que interagem trans-sistematicamente em função de um querer dizer, um intentado. No trabalho concluído, essa afirmação se aplica a uma enunciação particular, que se dá em um momento muito específico – a enunciação do sagrado⁷. Embora não seja prudente generalizar tal formulação para toda e qualquer enunciação, o fato de que ela se aplique a, ao menos, um tipo de enunciação mostra que

⁷ Trata-se do momento ritual em que o corpo da pessoa de religião comporta o corpo espiritual das entidades que vêm ao mundo nesse momento e lugar sacralizados.

ela é possível, isto é, que tem lugar. Cabe a nós, pesquisadoras da área, avaliarmos em que medida tal formulação se aplica ou não a outras enunciações que possamos investigar.

Ao estudar a enunciação do sagrado, pude verificar que o semiótico constitutivo do sistema linguístico-corporal de que se valem os sujeitos do sagrado é um semiótico compartilhado pelas pessoas iniciadas nas religiões em questão. Esse semiótico abrange signos linguísticos e do corpo, via afetividade (LE BRETON, 1998). A afetividade é um sistema de significação que atribui sentido às emanações do corpo no seio de uma determinada cultura: os processos de aquisição da língua e da afetividade (corpo) se dão na vivência dentro da cultura de pertencimento. A partir daí, outra questão se propõe: haveria um lugar – e, em caso afirmativo, qual seria ele – para o corpo nos estudos enunciativos baseados em Benveniste?

Um dos pontos centrais da teoria da enunciação depreendida dos textos benvenistianos é a inter/subjetividade: o efeito causado pelo fato de o falante apropriar-se da língua e enunciar-se “eu”, nela e por ela, em direção a um tu. A quase ausência da palavra “corpo” nos textos que compõem os dois volumes dos *Problemas de Linguística Geral* (PLG) indica o lugar a que os corpos de “eu” e “tu” são relegados. A palavra “corpo” aparece nos textos dos PLGs com mais frequência com o significado de coleção ou de compilação, como na expressão “corpo de definições”, presente em diversos textos (BENVENISTE, 2005, p. 14, p. 37, p.192, p. 319; BENVENISTE, 2006, p. 16, p. 22, dentre outras) ou “corpo de emissões sonoras” (BENVENISTE, 2005, p. 17). Há ocorrências em que “corpo” significa a parte central de algo, como em “corpo do ofício” (BENVENISTE, 2006, p. 275, p. 276 – essa última, no plural). Há, ainda, o emprego de “corpo” com o significado de prover de concretude, como em “é o termo que dá corpo, em latim, à noção de ‘cidade’” (BENVENISTE, 2006, p. 279) ou, de forma um pouco surpreendente, justamente o contrário, como em “Esta, corpo abstrato, Estado, fonte e centro da autoridade, existe por si mesma” (BENVENISTE, 2006, p. 285). Registram-se também empregos de adjetivos derivados de “corpo”, como “corporal” (BENVENISTE, 2005, p. 29, p. 30, p. 335 e p. 369), “incorporante” (BENVENISTE, 2005, p. 55) e “incorporado” (BENVENISTE, 2005, p. 55) além de variações desses.

No entanto, empregos da palavra “corpo” com o sentido de “corpo humano”, que são os que nos interessam aqui, ocorrem poucas vezes: apenas nos textos “Os níveis de análise linguística”, “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, “Problemas semânticos da reconstrução” e “A noção de ritmo na sua expressão linguística”. Além da própria palavra “corpo”, algumas das ocorrências do adjetivo “corporal” referem-se a corpo humano: é o corpo do *Homo* que ascende na série animal em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, o corpo em relação ao *self*

em “Problemas semânticos da reconstrução” ou o corpo que se movimenta do artigo “A noção de ritmo na sua expressão linguística”.

Esse último texto – justamente o que apresenta mais ocorrências de “corpo” no sentido que nos interessa –, serve de base para que Henri Meschonnic derive toda uma teoria que ressalta o caráter antropológico do pensamento benvenisteano justamente a partir da noção de ritmo relacionada a corpo⁸, no entanto, para o próprio Benveniste, pensar o corpo não significa pensar o sujeito⁹. O sujeito benvenisteano é um sujeito de linguagem, cujo estatuto se torna aparente como sujeito de língua: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito. [...] É “ego” que diz ego. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo status linguístico da pessoa.” (BENVENISTE, 2005, p. 286). O corpo no artigo sobre a noção de ritmo é mencionado para esclarecer a etimologia da palavra *ritmo* e desfazer os equívocos sobre ela, não para pensar o locutor tampouco o sujeito da linguagem.

O corpo aparece no pensamento benvenisteano já na língua – é o que vemos, por exemplo, em um estudo que o linguista francês Jean-Claude Coquet (1997) desenvolve sobre o discurso da paixão em Benveniste, a partir de uma análise de quatro textos: *Eufemismos antigos e modernos* (1949), *O sistema sublógico das preposições em latim* (1949), *A blasfemia e a eufemia* (1966/1969) e *Para uma semântica da preposição alemã vor* (1972). Embora a palavra “corpo” seja rara nos textos dos PLGs, o corpo surge, ao menos nos textos analisados, como o lugar das sensações, dos sentidos e dos sentimentos que movem o humano e, portanto, seu enunciar(-se). Em suas notas para o artigo “Blasfemia e eufemia” (ONO, 2012), Benveniste emprega palavras do campo semântico das emoções revelando o corpo que mobiliza a enunciação.

Por outro lado, é possível observar que, para Benveniste, o corpo também expressa o que não passa pela língua: “A forma linguística é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade, mas primeiro a condição de realização do pensamento. [...] Fora isso, não há senão **obscura volição, pensamento que se descarrega em gestos, mímica.**” (BENVENISTE, 2005, p. 69, grifos meus). O corpo aqui é aquilo que não passa “pelos moldes” da língua, está em contraste com o pensamento, mas não em oposição a ele, pois o pensamento pode, via corpo, ser descarregado – caberia

⁸ Para um estudo aprofundado da noção de ritmo relacionada a corpo desenvolvido a partir desse artigo de Benveniste, ver Meschonnic (2009).

⁹ Está por ser feito um estudo que relacione a noção de locutor à corporeidade; pistas para tal estudo certamente há nos textos de Coquet (1997) e Ono (2012) aqui referidos. Me ocupo do lugar do corpo em Benveniste, principalmente em seus textos ligados ao sagrado, tanto na minha tese de doutorado (SEVERO, 2016a) quanto em artigos derivados dela (SEVERO, 2015; 2016b), sem, no entanto, abarcar a noção de locutor.

perguntarmo-nos: “pensamento” aqui é um avatar para significação, isto é, uma das formas como ela se ‘manifesta’?

Percebemos aí um eco do pensamento atribuído a Saussure, especificamente em um trecho do *Curso de Linguística Geral* (CLG) em que se afirma que o pensamento, antes de passar pela língua, é apenas uma “massa amorfa e indistinta”, “uma nebulosa” (SAUSSURE, 2004, p. 130). Obscura volição, massa amorfa, nebulosa saussureana: aquilo que não foi recortado pelo sistema linguístico. Para o Benveniste de “Categorias do pensamento, categorias da língua”, o pensamento existe uma vez informado pela língua. O que há entre pensamento e obscura volição é língua, assim como, no CLG, o que há entre a “massa amorfa” e os sons que tornam possível expressar as ideias é língua. Em *Semiologia da língua*, essa visão é alargada com a possibilidade de significação dos sistemas não linguísticos: tem-se o posicionamento da **linguagem** no lugar de língua, relegando essa ao lugar de uma possibilidade dentre outras e tornando possível outros avatares para significação: música, artes visuais etc.

Vê-se que, em Benveniste, o corpo significa na língua: é o que move o falante/sinalizante a enunciar(-se), mas também significa fora da língua: em gestos, mímicas. Se o corpo emerge na língua ou permanece fora dela, é importante refletirmos sobre a relação do corpo com a linguagem e com outros sistemas semiológicos para pensarmos a maneira como o corpo significa. Partimos do princípio de que há uma relação do corpo com a linguagem, isto é, o corpo significa. Se, como vimos, o corpo significa **na** língua, isso só pode se dar via relação de interpretância – a capacidade da língua de interpretar todos os outros sistemas, a sociedade e a si própria – logo, o corpo é um sistema ou, ao menos, **funciona como** um sistema que pode ser interpretado pela língua, que, por sua vez, materializa os significados produzidos no corpo.

Quando o sistema de significação que manifesta os significados do corpo é a língua, o corpo significa na enunciação. O que acontece, entretanto, quando não é a língua o sistema em jogo? Cabe-nos ainda aprofundar a investigação sobre como o corpo significa na enunciação – a significação do/no/pelo corpo se dá via que sistemas de significação? No trabalho concluído em 2016, exploramos a afetividade (LE BRETON, 1998) como um sistema por meio do qual o corpo significa. Essa significação é cultural: embora não haja um semiótico, uma “gramática do corpo”, há uma cultura corporal, a cultura afetiva compartilhada. A fim de sondar os limites da formulação já proposta sobre a significação trans-sistemática na enunciação, propomos agora uma investigação que partirá de um outro tipo de sistema de significação: a poesia.

POESIA: UM SISTEMA DE SIGNIFICAÇÃO

Poesia, linguagem poética ou literária ou, ainda, linguagem artística: expressões empregadas por Benveniste tanto no PLG II (BENVENISTE, 2006, p. 37, por exemplo) quanto em suas notas sobre Baudelaire (BENVENISTE, 2011) para se referir a um sistema de significação que é ponto de convergência entre sistema linguístico e sistema não-linguístico: a poesia toma emprestado o semiótico da língua, contudo, na linguagem poética, a relação já não se estabelece entre significante e significado, mas entre evocante e evocado¹⁰. O semiótico da poesia é o semiótico do poema, da/do poeta. Nas notas sobre Baudelaire, Benveniste fala frequentemente na “língua de Baudelaire”: não se trata mais do francês, mas de uma língua única criada na enunciação poética desse poeta. É o que revela a redundância da expressão “fazer poético”: *poiesis* (ποίησις) é criação de algo que não existia. A poesia cria enquanto se produz: além da significação efêmera do semântico, da língua-discurso, a poesia cria a significação de sua língua-sistema, seu próprio semiótico, ainda que, para tanto, necessite apoiar-se sobre o semiótico linguístico. Essa é uma das relações que Benveniste aborda em *Semiologia da língua* ao examinar os sistemas de significação não linguísticos: não se trata aqui da interpretância, mas da relação de engendramento, que “[...] vale entre dois sistemas distintos e contemporâneos, mas de mesma natureza, sendo que o segundo é construído a partir do primeiro e preenche uma função específica” (BENVENISTE, 2006, p. 61) – ao tomar emprestado o semiótico da língua, a linguagem poética é engendrada por ela. A poesia cria e se cria no mesmo gesto.

Esse aspecto da criação de uma nova língua via poesia é frequentemente citado entre poetas das mais diferentes escolas e origens. Analisaremos aqui os comentários da poeta afro-americana Audre Lorde, para quem essa criação está intimamente ligada ao corpo, a fim de explorar as relações da poesia com a linguagem – corpo e língua – na produção de sentido. A partir dessas observações, procuraremos estabelecer a poesia como um sistema de significação que: não é a língua, embora dependa dela; parte do corpo; privilegia “sentimento” e relativiza “pensamento”. Investigar a linguagem poética como espaço de transição entre o não-verbal – corpo / sentimento – e o verbal – língua / pensamento – deve nos permitir delinear de forma mais refinada os contornos que separam / unem esses modos de significar e as relações, aparentemente dicotômicas, entre corpo e língua ou sentimento e pensamento. Se não estamos inteiramente no espaço do corpo, tampouco estamos inteiramente no espaço da língua – trata-se, antes, de um contínuo em que a produção de significado

¹⁰ Ver Vier (2016) para um estudo aprofundado sobre as noções de evocação esboçadas por Benveniste nas notas sobre a poesia de Baudelaire.

se dá entre os elementos de cada um desses pares: não no corpo ou na língua, mas situando-se entre corpo e língua, por exemplo.

Poesia: corpo e linguagem em Audre Lorde

Em 1979, Adrienne Rich entrevista Audre Lorde. Desse diálogo entre poetas, uma discussão sobre o fazer poético se dá em termos particulares. O texto resultante da entrevista e outros dois citados nela – *A poesia não é um luxo* (1977) e *Usos do erótico: o erótico como poder* (1978) – constituem o *corpus* com o qual trabalharei nesta análise¹¹. Tal recorte se baseia em uma junção proposta pela própria Audre Lorde: “[esses textos] são claramente progressões na exploração de algo relacionado ao primeiro texto em prosa que escrevi¹². Um fio condutor na minha vida é a batalha para preservar minhas percepções – prazerosas ou desagradáveis, dolorosas ou o que for...” (LORDE, 1979/2019, p. 101).

Na entrevista mencionada, Lorde conta a Rich que os poemas foram, durante muito tempo, sua forma de responder quando era questionada:

Audre: [...] eu recitava um poema, e em alguma parte daquele poema estaria o sentimento, a informação essencial.

Adrienne: Como se o poema traduzisse algo que você já sabia existir numa forma pré-verbal. E, então, o poema se tornou a sua linguagem?

Audre: Sim. [...]
(LORDE, 1979/2019, p. 102).

A ideia de que a poesia / o poema constitua a linguagem que torna possível expressar algo que não está organizado verbalmente aparece repetidamente nos textos desse *corpus*. Há, visivelmente, uma contraposição entre o que se sente e não está verbalizado – que a poeta resume aqui por “sentimentos” – e o que se expressa de forma linguística. “Sentimentos” constituem a “informação essencial”: estamos aqui no terreno do *intenté* Benvenisteano – o intentado, aquilo que se quer significar – algo a que Rich se refere como “pré-verbal” – e que precisa ser traduzido. Para Lorde, a língua-sistema não oferece a possibilidade para essa tradução, uma nova língua precisa ser criada: “onde não existe ainda essa linguagem [língua], é a poesia que ajuda a moldá-la.” (LORDE,

¹¹ Há, nos textos selecionados, um aspecto importante da obra dessa poeta que será, neste trabalho, deliberadamente evitado: a questão metafísica da origem da poesia no corpo da poeta negra que, segundo ela, existe em todos nós e que é silenciada por um pensamento capitalista, masculino, branco, europeu que valoriza o pensar e desvaloriza o sentir. Não abordar tal aspecto é uma opção metodológica, mas também respeitosa: não seria possível, no espaço e no contexto teórico em que este trabalho se produz, dar conta de discutir esse pensamento com a profundidade necessária.

¹² Trata-se do texto *La llorona*, publicado na revista *Venture* sob o pseudônimo Rey Domini (LORDE, 2019). Infelizmente, não foi possível acessar esse texto.

1977/2019, p. 47). O idioma em que a entrevista foi concedida, o inglês, dispõe de apenas uma palavra, “*language*”, para designar os conceitos de língua e linguagem. Por não se tratar de uma obra da área da linguística, é provável que a palavra “*linguagem*”, escolhida pela tradutora, não tenha valor de termo, mas constitua antes o emprego comum e indiferenciado de linguagem e língua como sinônimos.

A poesia é uma língua criada na mesma medida em que cria: o poema inventa sua própria língua ao dar nome àquilo que sequer tem forma: “[...] é através da poesia que damos nome àquelas ideias que – antes do poema – não têm nome nem forma, que estão pra nascer, mas já são sentidas.” (LORDE, 1977/2019, p. 45). “Sentir” é a relação da poeta com esse significado – “ideias” – sem forma: é o corpo como origem de uma significação não-linguística: a “massa amorfa” do CLG, a “obscura volição”, de Benveniste. Se, tanto no CLG quanto no pensamento benvenisteano, tínhamos a língua entre o corpo e o pensamento – enunciação, em Benveniste, sons, no CLG –, em Lorde, é a poesia que **traduz**, como indica Rich, que nomeia o que é sentido e não tem forma em algo que “pode ser pensado” – o poema: “É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado.” (LORDE, 1977/2019, p. 47). A imagem da poesia como tradutora adquire um sentido especial quando observada à luz da seguinte passagem de *A forma e o sentido na linguagem* (BENVENISTE, 2006, p. 233): “Pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de outra, ‘salva veritate’; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semiótico de uma língua para o de outra; é a impossibilidade da tradução”. Na passagem citada, Benveniste se refere a língua enquanto idioma, pode-se, no entanto, substituir “língua” por “sistema de significação”: pode-se transpor o semantismo – “a ideia”, como o autor se refere ao sentido semântico no artigo citado – de um sistema de significação para outro, mas não se pode transpor o semiótico – as unidades do sistema – de um sistema a outro. Nessa perspectiva, o que o poema traduz ao nomear é o sentido que nasce no corpo, não os humores, as emoções ou os sentimentos – possíveis unidades do sistema do corpo¹³ – em si.

Ao inserir o elemento “poesia” entre corpo (“o que não tem nome nem forma”) e expressão da ideia (o que “pode ser pensado”), traça-se aí um limite, não apenas de separação, mas também de junção, pois se trata de um estágio em um percurso transformativo. A poesia é o que permite aos

¹³ Definir unidades para o corpo enquanto sistema é um corte um tanto impreciso, principalmente, se considerarmos que a realidade do corpo como sistema não está devidamente estabelecida. Ainda que, neste artigo, tenha se concluído que o corpo é um sistema, porque só assim a língua poderia interpretá-lo, descrever esse sistema é um trabalho que está por ser feito. Provisoriamente, me valho aqui das categorias propostas por Le Breton para pensar a afetividade, a que o antropólogo chama de traços: “humor”, “emoção” e “sentimento” (LE BRETON, 1998, p. 93, tradução minha).

sentidos do corpo emergir como poema para que sejam compartilhados. Desloca-se aí um significado individual, íntimo, do universo do sentir em direção à produção de um semiótico que torne possível o compartilhar: “Podemos nos condicionar a respeitar nossos sentimentos e transpô-los em linguagem [língua-poema] para que sejam compartilhados.” (LORDE, 1977/2019, p. 47). Esse “compartilhar” é o que caracteriza o semiótico da língua benvenisteano e a língua saussureana: para Benveniste, “[...] a língua é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade” (BENVENISTE, 2006, p. 63), para Saussure, repetiremos a citação, ela é o “[...] tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (SAUSSURE, 2004, p. 21). Trata-se, em ambos casos, de uma manifestação da linguagem que torna possível a “comunicação intersubjetiva” (BENVENISTE, 2006, p. 63), o compartilhar significados entre “eu” e “tu”.

Vimos que o corpo significa na língua e na poesia. Nas análises dessas significações, recorri ao sistema afetivo para compreender de que maneira aquilo que o corpo sente se traduz em pensamento ou poema. Quando recorremos ao sistema afetivo, recorremos à cultura de pertencimento, pois é culturalmente que a afetividade, assim como a língua, produz sentido (LE BRETON, 1998). Ao investigar a enunciação do sagrado, percebi que a ela eu não teria acesso, justamente por não pertencer à cultura em que ela tem lugar. A experiência não linguística que dá origem a essa enunciação só pode ser compartilhada entre aqueles que pertencem a essa cultura; aos de fora, o único acesso possível se dá via testemunha de um auctor (AGAMBEN, 2008). O conceito de auctor, desenvolvido por Agamben para se referir às testemunhas da shoá, recobre o de *testis*, a terceira pessoa em um acontecimento, e o de *superstes*, aquele que (sobre)vive o acontecimento, desde que eles decidam dar testemunho. O auctor é aquele que se propõe a atravessar as barreiras da cultura e traduzir para os **de fora** algo que é **de dentro** dela.

A língua, via relação de interpretância, torna possível essa tradução. O poema, ao criar uma nova língua para si, toma de empréstimo o que há de compartilhável – o semiótico linguístico – e traz **para fora** aquilo que está **dentro** do corpo da poeta e que só assim pode ser expresso. O poema, materialização da linguagem poética, é a testemunha que permite que o que não tinha nome nem forma possa ser não apenas pensado, mas dito, colocado no mundo e compartilhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, ao retomar a Semiologia no ponto em que Saussure a deixou para levá-la adiante, Benveniste não poderia prever que questões como os sentidos do corpo poderiam ser estudadas a

partir da abertura que seu gesto operava. Considerar o corpo um sistema de significação em si próprio e investigar as maneiras como ele significa são tarefas que certamente não constavam dentre aquelas listadas no CLG para os linguistas. No entanto, as bases que esses dois linguistas estabeleceram para a linguística e para a semiologia nos permitiram criar sobre elas arcabouços teóricos que, amparados nas ciências vizinhas – como diria o Saussure do CLG –, estimulam reflexões e admitem conclusões sobre como significam os sistemas de significação não-linguísticos, dentre eles, o corpo.

Os sentidos do corpo têm origem naquilo que, por um lado, há de mais singular e íntimo e, por outro, é compartilhado socialmente. O que o corpo sente é construído dentro da cultura de pertencimento (LE BRETON, 1998), mas é também único de um ser que sente. Aprender o corpo e seus significados como objeto de análise não tem sido tarefa fácil: o corpo escorrega quando se tenta agarrá-lo. Ainda que não seja fácil falar sobre o corpo, mais difícil é deixar o corpo falar. Um dos caminhos encontrados foi compreender os sentidos do corpo via sistema de afetividade em sua relação com a língua e explorar essa relação, que Benveniste nomeou “de interpretância”. Neste artigo, procurei trazer um novo olhar para a maneira como o corpo significa, inspirada em observações da poeta Audre Lorde sobre como o poema traz à tona os significados do corpo. Por questões de espaço e de contexto acadêmico, deliberadamente evitei abordar o aspecto metafísico explorado pela autora quando fala sobre a origem da palavra poética no corpo negro da poeta que habita todos nós. Provisoriamente, opto por manter as reflexões em um âmbito sutilmente mais restrito e apontar para as relações semiológicas implicadas na significação do corpo: de interpretância e de engendramento. Assinalo como o papel de testemunha desempenhado pelo poema traduz os sentidos do corpo em uma língua que cria e se cria ao mesmo tempo.

Entregar-se a uma análise ainda mais distante daquilo que uma linguística canônica poderia prever talvez seja o próximo passo nessa busca pelos sentidos do corpo. Buscar ferramentas de percepção na metafísica do corpo da poeta negra proposta por Audre Lorde nos textos cujos excertos analisei talvez seja revelador desse corpo que não se deixa apreender por ferramentas linguística ou até mesmo semiológicas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENVENISTE, Émile. **Dernières Leçons**. Paris: Seuil/ Gallimard, 2012.

_____. **Baudelaire**. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.

_____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

COQUET, Jean-Claude. “Benveniste et le discours de la passion” in NORMAND, C., ARRIVÉ, M. **Benveniste vingt ans après**. Número especial da revista LINX. Nanterre, Université Paris X. p. 295-306, 1997.

FLORES, Valdir. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017.

LE BRETON, Davi. **Les passions ordinaires**: Anthropologie des émotions. Paris: Armand Colin, 1998.

LORDE, Audre. “Adrienne Rich e Audre Lorde: uma entrevista” (1979) in _____. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2019. Tradução: Stéphanie Borges.

_____. “Usos do erótico: o erótico como poder” (1978) in _____. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2019. Tradução: Stéphanie Borges.

_____. “A poesia não é um luxo” (1977) in _____. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2019. Tradução: Stéphanie Borges.

MESCHONNIC, Henri. **Critique Du rythme** - Anthropologie historique du langage. Lagrasse: Verdier, 2009

_____. “Benveniste: sémantique sans sémiotique”. In NORMAND, C. ARRIVÉ, M. **Benveniste vingt ans après**. Número especial da revista LINX. Nanterre, Université Paris X, p. 307-325, 1997.

ONO, Aya. Le nom c’est l’être: Les notes préparatoires d’Émile Benveniste à l’article « La blasphémie et l’euphémie ». **Genesis: Le geste linguistique**, Paris, n. 35, p. 77-84, 05 dez. 2012. Semestral.

ORO, Ari Pedro. As religiões afro-gaúchas. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (Orgs.). **RS Negro**: Cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 123-133.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

SEVERO, Renata Trindade. Língua e corpo: enunciação e afetividade. In: 4º Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade 2º Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2015, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Uece/ufc/unilab/fa7, 2015. v. 1, p. 420-432. Disponível em:

<https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/exibeDocumentosEvento.jsf?id=163&contexto=sidis2015>. Acesso em: 17 jul. 2020.

_____. **Semiologia da linguagem**: a enunciação do sagrado e o corpo afrorreligioso. 2016. 156 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016a. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143595>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SEVERO, Renata Trindade. “A enunciação além da língua: o sistema afetivo”. In: SILVA, Silvana; CAVALHEIROS, Juciane (org.). **Atualidade dos estudos enunciativos**. Curitiba: Prismas, 2016b.

SILVA, Silvana. **O homem na língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino de escrita**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/90168>. Acesso em 06/07/2020.

SILVA, Charlies Uilian de Campos da. **Da reflexão sobre os pronomes à proposição semiológica da interpretância da língua**: os signos vazios como elo teórico no pensamento de Émile Benveniste. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

VIER, Sabrina. **Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2016.